

OS ROTEIROS DE GRAMSCI E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI¹

Guido Liguori²
Universidade da Calábria IT

1

Assim como o título do nosso evento demonstra, este ano ocorre uma dupla comemoração: São celebrados os 80 anos de morte de Gramsci, mas também os cem anos da Revolução de Outubro, o grande evento que mudou a história do século XX.

É preciso, portanto, que eu comece com esta dupla comemoração, também para buscar entender o que mudou nesses 100 anos e como Gramsci nos ajuda a compreender esta mudança e confrontá-la.

Como Gramsci leu a Revolução de Outubro? O que aprendeu, o que ele compreendeu com a Revolução de 1917 e também quais limites ele concebeu, quais sucessos e quais derrotas? O que sobra hoje da Revolução de Outubro e principalmente, o que sobra da reflexão de Gramsci sobre tal evento?

Eu creio que seja primeiramente necessário começar estando ciente de um fato: Gramsci sempre foi, desde a sua juventude socialista, revolucionário em Turim (nos anos 10 do séc. XX) até os anos da maturidade vividos no cárcere fascista, ou ainda simplesmente preso pelo fascismo, em um regime de liberdade vigiada, Gramsci sempre foi não somente um teórico da revolução, mas um grande revolucionário.

A política ocupou em sua vida um lugar central. Ele concebia a política justamente como luta pela transformação do mundo, ou seja, como *revolução*.

“A vida é sempre revolução”, escreve em julho de 1917, ao comentar justamente os fatos que ocorriam naquele ano decisivo na Rússia. Política como revolução, então. Aliás, no começo de sua vida, política como “revolta”. Como Gramsci lembrou numa carta para a esposa de 1924, o que o conduziu para uma condição de revolta contra as condições sociais de seu tempo e do seu país teve origem nas dolorosas experiências pessoais vividas desde os anos da infância, por causa das condições sociais miseráveis nas quais a sua família caiu após a prisão do seu pai por corrupção. O que então salvou Gramsci, ele escreveu posteriormente a sua mulher, foi

¹Conferência de abertura do Seminário “GRAMSCI, A REVOLUÇÃO E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI 80 anos de Antonio Gramsci e 100 anos da Revolução Russa”, no dia 30 de Agosto de 2017 na FACED, da Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza-Ce.

²Professor de História do pensamento político contemporâneo da Faculdade de Filosofia da Universidade da Calábria/Itália. Presidente da International Gramsci Society Itália e Redator-chefe da Revista Crítica Marxista.

O “instinto de revolta, que quando criança tinha contra os ricos, porque não podia estudar, eu que tirava 10 em todas as disciplinas da escola elementar, enquanto iam o filho do açougueiro, farmacêutico, comerciante de tecido”.³

Portanto, não surpreende que já na Sardenha, a grande ilha italiana onde nasceu, Antonio Gramsci iniciou a leitura de livros e revistas de oposição ao regime burguês da época (dominado por Giovanni Giolitti, um político capaz de operar com modos diversos, no Norte corrompendo o Partido Socialista, ao torná-lo cúmplice do poder, ao Sul reprimindo sem piedade os camponeses pobres)

Era também uma oposição, cultural e filosófica, na qual do lado da imprensa socialista estavam posicionadas contra Giolitti e o giolittismo (o sistema de poder, a filosofia de poder de Giolitti) também revistas culturais burguesas, aquelas que na Itália forma denominadas “as revistas florentinas” (por exemplo “La Voce”, a mais famosa entre elas), que tiveram o mérito de difundir uma nova visão de mundo, uma nova filosofia contra o positivismo até então dominante.

Eram filosofias como o pragmatismo e o neoidealismo ou a filosofia de Bergson, todas as filosofias unidas na revalorização do “*sujeito*” contra o “*objetivismo*” (epistemológico, histórico, político) do positivismo, que era a filosofia dominante e que influenciava também as principais correntes do movimento socialista da época.

Por que Gramsci adere a tal renovação cultural antipositivista?

Porque acredita que todo “objetivismo” transposto no marxismo e no socialismo conduzia a uma postura “fatalista”, ou seja, de espera passiva do que a história conduziria quase espontaneamente ao socialismo, como na célebre metáfora do parto de Kautsky.

Isto era para Gramsci algo de extremamente negativo, que condicionava profundamente as possibilidades revolucionárias do movimento operário.

No ano de 1911, Gramsci se transfere da Sardenha para Turim com a finalidade de cursar a faculdade de Letras e filosofia, graças a uma bolsa de estudos que era suficiente somente para a sobrevivência.

Em Turim ele se filiou, já antes da Primeira Guerra, ao movimento socialista.

Socialista sim, mas marxista de um modo peculiar.

Por causa da sua formação cultural, o marxismo do jovem Gramsci era o marxismo subjetivista, antideterminista, antieconomicista, influenciado pelo neoidealismo e pela filosofia de Bergson (parcialmente mediada por Sorel).

³ A. Gramsci, *Lettere 1908-1926*, a cura di A. A. Santucci, Torino, Einaudi, 1992, p. 271 (lettera a Giulia, 6 marzo 1924). Tradução livre

Um marxismo muito original, então, focado sobre o primado idealístico da vontade. Este subjetivismo antideterminista e a importância fundamental da vontade se transformava em uma propensão a participar e a se tornar ativos, a lutar, a rejeitar a passividade:

Este é o sentido do célebre artigo “odeio os indiferentes”⁴, escrito por Gramsci em janeiro de 1917, poucas semanas antes da “revolução de fevereiro” na Rússia.

2.

Chegamos assim a 1917, a fevereiro de 1917, à primeira revolução de 1917.

Desde os primeiros comentários dedicados à “revolução de fevereiro”, Gramsci leu os acontecimentos da Rússia como resgate dos socialistas que não traíram o espírito da internacional, e viam nos fatos de Petrogrado uma “revolução proletária”⁵.

Não estava errado, sendo que à origem da primeira revolução de 1917, aquela de fevereiro, estavam as greves e manifestações a partir das fábricas e da então capital da Rússia czarista, Petrogrado, assim como foi determinante a passagem de numerosas tropas de soldados (principalmente camponeses armados, cansados de guerra pelo czarismo e pelas relações sociais em vigor nos campos) para o lado dos revoltosos.

Quais são para Gramsci as características básicas dessa revolução de fevereiro? A “revolução russa” era para Gramsci um “ato” proletário, principalmente porque ignorou o “jacobinismo”, quer dizer, ela não teve que “conquistar a maioria por meio da violência”.

Até o ano de 1921 – quando mudou o juízo sobre a obra do grande histórico Albert Mathiez, que evidenciará positivamente as semelhanças entre jacobinos e bolcheviques – Gramsci foi decididamente antijacobino.

Ignorando as páginas controversas sobre o assunto presente em Marx ou o forte filo jacobinismo de Lenin, ele foi influenciado durante os seus anos de juventude por Sorel, que havia afirmado que entre jacobinismo e o *ancien régime*⁶ existiam elementos de continuidade autoritária.

O jacobinismo, a revolução jacobina, eram para Gramsci de 1917, fenômenos burgueses, de uma minoria que “servia interesses particulares, os interesses de sua classes,

⁴ A. Gramsci, Indifferenti, in La Città Futura, 11 febbraio 1917, ora ivi, pp. 73 ss.

⁵ A. Gramsci, Note sulla rivoluzione russa, in Il Grido del Popolo, 29 aprile 1917, ora in Id., Come alla volontà piace, cit., p. 34.

⁶ Ivi, p. 35.

servindo-os com a mentalidade fechada e pequena de todos aqueles que visam fins particulares”⁷.

Em vez disso, os “revolucionários russos” não queriam substituir ditadura por ditadura e - ele afirmava - queriam, por meio do sufrágio universal, o apoio da grande parte do “proletariado russo”, desde que ele pudesse se expressar livremente, sem ser sujeito aos aparelhos repressivos do Estado czarista.

Era uma visão do processo revolucionário viciada por algumas ingenuidades, tanto ao que dizia respeito aos fatos da Rússia - os quais as forças da revolução era, na verdade muito mais divididas entre elas do que o discurso gramsciano inicialmente pensava e dava a entender -, quanto pela convicção da possibilidade que o sufrágio universal seria suficiente garantir a afirmação da real vontade socialista do proletariado.

Gramsci não considerava nesse seu raciocínio - ao contrário do que fará com muito vigor nos escritos maduros da prisão - os *pré-requisitos* que deve haver a democracia, os elementos tendencialmente igualitários (em termos de cultura, informação, consciência, liberdade da necessidade) que um corpo eleitoral deveria ter para se expressar sem “finalidades particulares”.

Começará depois de uns meses, por parte do jovem socialista, a análise das distinções internas ao grande evento revolucionário que tinha arquivado o poder czarista, mas não a guerra.

A atenção gramsciana se voltou, mesmo com oscilações, em direção ao componente bolchevique, concebido como a força que não aceitava que a revolução se esgotasse na sua etapa democrático-burguesa, pretendendo pelo contrário que ela a revolução continuasse até conquista uma sociedade socialista:

“Lenin [...] e seus companheiros bolcheviques - escreveu Gramsci - estão convencidos, de que é possível, a qualquer momento realizar o socialismo. Eles são nutridos pelo pensamento marxista. São revolucionários, não evolucionistas.”⁸

Nessa frase é evidente a polêmica contra o evolucionismo de Kautsky e da II Internacional, em nome daquele subjetivismo revolucionário que caracterizava Gramsci.

⁷ Cfr. su questo R. Medici, *Giacobinismo*, in F. Frosini, G. Liguori (a cura di), *Le parole di Gramsci*, Roma, Carocci, 2004, pp. 113 ss.

⁸ Cfr. M. L. Salvadori, *Il giacobinismo nel pensiero marxista*, in Id., *Europa America Marxismo*, Torino, Einaudi, 1990.

No entanto, se espalhava na Itália e na Europa o entusiasmo para as coisas que estavam acontecendo na Rússia. Já antes de Outubro a situação se desencadeou no mês de fevereiro apontava para uma concreta esperança de transformação, de socialismo, de justiça e de igualdade aos olhos das massas dos miseráveis que estavam morrendo nas trincheiras ou que tinham os seus massacrados numa guerra sem precedentes.

E “fazer como na Rússia” se tornou a palavra de ordem circulante entre as classes populares e subalternas de uma grande parte da Europa.

Os proletários italianos também torciam pela paz, pelo socialismo e Lenin. E Gramsci também: a escolha era entre Kerensky e Lenin, escrevia em agosto. Cerca de um mês antes de Outubro, Gramsci percebia que estava se aproximando o momento da escolha entre revolução liberal e revolução socialista, medindo “qual seria a força efetiva dos revolucionários socialistas e qual seria a força dos revolucionários burgueses”.⁹

Uma vez conquistada a liberdade contra autocracia czarista, a revolução para Gramsci tinha que ir a frente, alcançar outras realizações: o socialismo, “a liberdade de começar concretamente a transformação do mundo econômico-social da velha Rússia czarista”¹⁰. Em 25 de outubro, segundo o calendário russo, (o 7 de novembro segundo o calendário ocidental) ocorreu a tomada do palácio de inverno, a tomada do poder por parte dos *Soviets* hegemônicos pelos bolcheviques.

Muito famoso é o comentário gramsciano.

Estava ocorrendo, segundo Gramsci, “uma revolução contra *O Capital*”, o livro de Marx, contra quem deu daquele livro e do marxismo uma leitura economicista e determinista, “por etapas”, no âmbito da qual não teria sido possível nenhum tipo de revolução socialista na Rússia atrasada antes de um adequado desenvolvimento dos “etapas capitalista”, da indústria, da classes operária russa. (*na realidade o problema foi confrontado de modo antideterminista e não por etapas também por Marx, na onda das solicitações da revolucionária Vera Zasulic. Mas não podemos tratar disso agora*).

O marxismo dos bolcheviques foi construído por Gramsci nos moldes das ideias daquela fase: um marxismo livre das influências do positivismo. Era mais uma vez a vontade que

⁹ Cfr. G. Sorel, *Considerazioni sulla violenza* [1908], Bari, Laterza, 1974, pp. 149-58.

¹⁰ A. Gramsci, *Note sulla rivoluzione russa*, cit., p. 35.

que estava triunfando, na visão de Gramsci: são os seres humanos associados – segundo Gramsci – que podem compreender

os fatos econômicos e os julga, e os ajusta à sua vontade, até se tornar o motor da economia, o plasmador da realidade objetiva, que vive e se move, e adquire um caráter de matéria telúrica em ebulição, que pode ser canalizada para onde a vontade deseja, como você deseja.¹¹

Essa é uma lição ainda atual: as leis supostamente objetivas da economia e do mercado (segundo a ideologia liberal e neoliberal) podem ser compreendidas e transformadas, são produtos dos seres humanos e podem ser por eles modificados.

Se se desconsideram as provocações jornalísticas (a “revolução contra O Capital” de Marx), dá para perceber na verdade, que o artigo alcançavam motivações profundas que favoreceram o Outubro russo: a guerra tinha tornado possível um evento inédito e inesperado pela maioria da população.

Marx não pode prever – observa Gramsci – a Primeira Guerra Mundial, o seu caráter sem precedentes, que “teria despertado na Rússia a vontade coletiva popular” em tempos muito mais rápidos que o normal.

Enquanto (cito)

Na Rússia, a guerra serviu para superar a vontade. Eles, através do sofrimento acumulado em três anos, se encontraram em unísono muito rapidamente. A miséria era imanente, a fome, a morte por fome pode unir a todos, dizimando dezenas de milhões de pessoas de um golpe. As vontades se uniram em unísono.¹²

A Rússia tinha tido a sua revolução porque Lenin soube ler a conjuntura, se diria hoje, souber fazer “a análise concreta da situação concreta” (como gostava de dizer o dirigente bolchevique).

O Gramsci maduro reformulará a sua visão do processo revolucionário, chegando a defini-lo como uma relação de equilíbrio e de reciprocidade entre “relações de forças” e iniciativa revolucionária.

¹¹ A. Gramsci, *I massimalisti russi*, in *Il Grido del Popolo*, 28 luglio 1917, ora in Id., *Come alla volontà piace...*, cit., p. 39.

¹² Cfr. Antonio Gramsci, Kerensky e Lenin, «Il Grido del Popolo», 25 agosto 1917, ora in Id., *Come alla volontà piace...*, cit., pp. 44 ss.

Começam de fato a serem presentes em Gramsci, desde a revolução Russa para frente, sob a influência de Lenin, considerações e argumentações mais coerentes com a tradição marxista.

A visão do Gramsci maduro não deixará de destacar a importância da vontade e da subjetividade, mas a realidade histórico-social será nos Cadernos um “campo de possibilidades” que as condições objetivas oferecem ao sujeito, ao interno do qual se determinará um êxito ao invés de outro segundo a ação e as capacidades do próprio sujeito.

O forte subjetivismo juvenil será superado exatamente a partir da nova situação que o Outubro criou e recolocou também na visão gramsciana sobre um terreno inédito e mais concreto.

3.

Gramsci vive nos anos sucessivos experiências difíceis e cruciais.

Em primeiro lugar “o biênio vermelho” 1919-1920, quando ele torna-se um dos mais importantes e originais representantes no pensamento *conciliarista* (dos conselhos - democrata popular) europeu, assumindo de fato a direção do movimento dos Conselhos de fábrica de Turim e desenvolvendo uma concepção do autogoverno das classes trabalhadoras original e também parcialmente diferente do modelo soviético russo.

Os Conselhos de Gramsci, muito mais que os *Soviets*, estaavam enraizados diretamente na articulação da fábrica e daí se espalham (na elaboração gramsciana) ao restante da sociedade seguindo sempre a organização e articulação do trabalho e dos trabalhos.

Gramsci situava o Conselho de Fábrica por um lado como organismo democrático coletivo que gere a produção e ao mesmo tempo como célula de base política do Estado proletário e socialista.

A derrota do movimento operário de Turim fez entender melhor a complexidade e a variedade da sociedade italiana, o fato que não toda a Itália era Turim, ou seja, “o ocidente”, ou seja, a moderna sociedade industrial massificada e caracterizada pela concentração de massas operárias na grande fábrica, tendencialmente unitárias sob o perfil das mentalidades, dos interesses e da disciplina; fez compreender também os limites do Partido Socialista italiano, revolucionário na conversa mais imobilista, dividido e caótico nos fatos.

A consciência de tais limites impulsionou a imediata formação de um partido comunista também na Itália, aceitando a *leadership* (liderança) de Amadeo Bordiga, tão distante de Gramsci em muitos pontos.

A derrota do movimento operário e socialista no “biênio vermelho” determinou também o nascimento da dramática fase da reação fascista e da histórica derrota que o movimento operário italiano sofreu.

Isso provocou uma profunda reavaliação em Gramsci, e o predispsôs a se apropriar da lição do último Lenin acerca das condições de possibilidades de uma revolução imediata no Ocidente com as mesmas modalidades da Revolução de Outubro.

Após a dissolução da esperança de uma imediata Revolução no Ocidente, e após o amadurecimento da convicção de uma capacidade de resistência muito superior às primeiras ingênuas esperanças e previsões, Lenin afirmou a política da “frente única”, ou seja, das alianças com os socialistas contra as forças burguesas.

A lição que vinha do último Lenin era aquela de uma crise capitalista que não necessariamente teria adquirido dimensões catastróficas, iniciando um processo revolucionário vitorioso.

Foi a partir de Lenin que Gramsci amadureceu a convicção que no Ocidente não era possível “fazer como na Rússia”, porque (como Gramsci escreve de Viena aos camaradas a ele mais próximos) enquanto na Rússia era possível lançar

As massas nas ruas do assalto revolucionário na Europa central e ocidental [a situação] são compostas por todas essas superestruturas políticas, criadas pelo alto desenvolvimento do capitalismo, torna a ação das massas mais lenta e mais cautelosa e, portanto, exige um partido revolucionário, toda uma estratégia e uma tática muito mais complexa e de longo prazo do que aquelas necessárias aos bolcheviques no período entre março e novembro de 1917.¹³

4.

Após consideradas todos esses acontecimentos históricos dramáticos, nos anos que vão de 1917 e depois de 1921 a 1926, ano em que ele é preso, Gramsci chegou a repensar totalmente o seu acúmulo teórico juvenil.

Alguns momentos dos quais podem ser verificados também nas obras da prisão, mas incluídos no paradigma por muitos aspectos diferentes.

No Gramsci maduro, a vontade revolucionária se acompanha com o conhecimento da situação o mais objetiva possível, a análise minuciosa, histórica e social, do terreno (principalmente nacional) sobre o qual se desenvolve a luta.

¹³ Antonio Gramsci, Kerensky-Cernof, «Il Grido del Popolo», 29 settembre 1917, ora in Id., *Come alla volontà piace...*, cit., p. 46.

Essa análise, aplicada à realidade italiana antes ao Ocidente capitalista levava a concluir que uma revolução de tipo soviético não poderia ser repetida.

Gramsci na prisão, em outras palavras, chega a focar na diferença entre oriente e ocidente e de consequência entre guerra de movimento e de posição.

Ele chega também a afirmar que a Revolução russa é a última revolução de perfil oitocentista, a última revolução, insurreição, pelo menos na Europa ou no mundo avançado.

No Ocidente, a moderna estrutura da sociedade de massa, a compenetração nova entre Estado e sociedade civil, o peso e a importância dos aparelhos da formação do consenso são todos fatores que levam Gramsci a revolucionar profundamente o conceito de revolução, não somente em relação à visão subjetivista e idealista que disso ele tinha no período juvenil, mas também em relação à concepção clássica, e às vezes estereotipadas, da tradição marxista e leninista.

Não porque Gramsci saia do marxismo ou da tradição revolucionária, com uma abordagem classicamente reformista – como às vezes foi afirmado. A *vontade* (revolucionária), a *vontade coletiva* indispensável para a transformação social e política não falta, mas ela agora move do pressuposto da necessidade do conhecimento do novo terreno no qual se opera.

A vontade de transformação não perde sua dimensão de classe, o seu coração no mundo econômico e das relações sociais.

A pergunta fundamental que Gramsci se põe nos Cadernos é de fato a seguinte: “como nasce o movimento histórico [ou seja o movimento revolucionário, a mudança social] na base da estrutura”?¹⁴

É justamente *sobre a base da estrutura*, escreve Gramsci, que articula a sua teoria da revolução firmada no terreno das relações econômico-sociais, e ele estuda principalmente os aspectos *superestruturais* dela (teoria da revolução) e a sua “autonomia relativa”, porque vê toda a complexidade da ação política, principalmente na época moderna: Recusa as concepções economicistas fundadas no binômio crise econômica – revolução (que eram a base do marxismo da Segunda Internacional, a qual também a Terceira Internacional se apropriou).

Concebe como fundamentais os aparelhos públicos e privados que constroem o senso comum difundido, evidencia a importância das transformações moleculares, considera determinante desafiar a conquista do consenso.

¹⁴ Ivi, p. 47.

Gramsci evidencia, assim, a importância decisiva de uma elaboração cultural e ideológica que saiba oferecer uma nova e persuasiva concepção de mundo, que saiba construir um novo senso comum de massa – sempre, porém, partindo daquela leitura da sociedade dividida em classes que tinha aprendido com Marx e a partir da necessidade daquela capacidade de iniciativa política que tinha aprendido com Lenin.

É uma concepção que, destacando a importância determinante do consenso da elaboração cultural, do senso comum difundido, do “progresso intelectual de massas”, põem as premissas por uma luta democrática compatível com a estratégia da conquista da hegemonia.

5

Nos *Cadernos do Cárcere* Gramsci interpreta de forma muito original um trecho do *Prefácio* de 1859 de Marx ao seu livro *Para a Crítica da Economia Política*.

Aqui, escreve Gramsci, Marx afirma que as formas ideológicas ou seja, as ideologias, permitem aos homens de conceber e “combater” os conflitos econômico-sociais, ou seja, os conflitos de classe.

Isto é, os homens tomam consciência do fato de que a sociedade é dividida em classes as quais combatem justamente graças às ideologias, que, portanto, não são algo negativo, uma visão somente “invertida” da realidade.

Desta leitura do *Prefácio* de 1859 Gramsci tem – com uma interpretação fortemente inovadora quanto à tradição marxista – a confirmação da importância das ideologias.

Porque, diz Gramsci, se é graças a estas formas que a luta de classes é combatida, elas são algo de real e também de muito importante.

Sem as ideologias não existiria lutas de classes, luta para a emancipação das classes populares, das classes subalternas.

Gramsci nos *Cadernos* utiliza também algumas cartas escritas nos últimos anos de vida por Engels. Nelas Engels declara uma verdadeira batalha para corrigir uma visão de mais economicista (ou seja, na qual a economia tem uma importância quase absoluta), do pensamento de Marx para reafirmar uma visão *dialética* de influência e não unidirecional da célebre dupla conceitual marxiana base-superestrutura, ou estrutura-superestrutura.

Gramsci faz isso da mesma forma para defender a importância e a “eficácia histórica” das “ideologias”.

No marxismo e no socialismo, entre o século XIX e XX, não sendo conhecida a ideologia alemã (publicada somente em 1932, e só parcialmente antecipada na década de 20) e pelo fato que em Marx encontram-se na realidade *diversas teorias da ideologia* – no marxismo, na tradição marxista, afirma-se uma concepção não negativa da ideologia, afirma-se uma concepção positiva da ideologia, no âmbito da qual a ideologia não é algo negativo (a consciência invertida, e portanto errada, da realidade), mas é positivamente uma concepção do mundo.

O exemplo mais notório é *Que fazer?* de Lenin, que põe a alternativa: “ou ideologia burguesa ou ideologia socialista”.

Evidentemente, colocando a alternativa entre ideologia burguesa e ideologia socialista, “ideologia” não é sempre negativa.

A ideologia socialista é, claramente, algo de positivo.

Ideologia significa um conjunto de doutrinas, teorias, visões, concepções, que remetem à burguesia e a um conjunto de doutrinas, teorias, visões, concepções que reconduzem ao proletariado.

Formulações desse tipo, parecidas com aquelas de Lenin aparecem já no jovem Gramsci, que – por ex. no artigo de 2 de março de 1918 (intitulado *Wilson e os maximalistas russos*)¹⁵ – define “o presidente Wilson” e os bolcheviques como representantes respectivamente das ideologias burguesas e daquelas “proletárias”.

A diferença entre o marxismo e “as outras ideologias” segundo Gramsci encontra-se principalmente no fato de que as outras ideologias são contraditórias”, procuram “conciliar interesses opostos” que não são conciliáveis (porque para os marxistas os interesses entre as classes fundamentais não são conciliáveis).

O marxismo não esconde as contradições, “não é voltado para resolver de forma pacífica as contradições [...], escreve Gramsci, aliás é a mesma teoria de tais contradições”.

A ideologia então não é em si toda negativa, e nem todas as ideologias são iguais.

As ideologias constituem o terreno necessário à consciência e à superioridade da ideologia marxista no fato de que ela é ciente do seu próprio caráter não absoluto e não eterno.

Consciência de *parcialidade*, ligada a uma classe e a um momento histórico.

O marxismo tem em comum com as outras ideologias o fato que desenvolve uma determinada utilidade para um grupo social.

¹⁵ Cfr. da ultimo M. Musto, *L'ultimo Marx 1881-1883*, Roma, Donzelli, pp. 49 ss.

Em qual sentido? Qual a tarefa das ideologias na vida social?

As ideologias – escreve Gramsci – “organizam as massas humanas, constituem o terreno no qual os homens se movem, adquirem consciência de sua posição e luta”.¹⁶

Gramsci traz repetidamente nos *Cadernos* uma afirmação de Marx segundo a qual “uma persuasão popular [ou seja, uma ideologia que é compartilhada pelas massas] tem a maioria das vezes a mesma energia de uma força material”.

Ou seja: as ideologias, as convicções quando se empoderam das massas, tornam-se uma verdadeira força, uma arma para lutar contra os inimigos.

As ideias são armas.

Portanto, pode-se dizer que *a luta pela hegemonia é luta ideológica*.

E a luta não é uma mera “batalha de ideias” como creem os liberais e a teoria de Habermas, segundo as quais se confrontam os liberais ou como acredita a teoria de Habermas, pela qual se expõem as ideias e livremente, racionalmente os seres humanos, a opinião pública decide quais ideias são as melhores pelo menos pela maioria.

Essas ideias – diz Gramsci – tem uma “estrutura material”, articulam-se em “aparelhos” da sociedade do Estado que elaboram e transmitem e difundem tais ideologias, tais visões de mundo, tornando-as *sensu comum*.

O “Estado Integral” das sociedades complexas, do qual fala Gramsci, não é feito só de aparelhos repressivos mas também de um *aparelho hegemônico* que serve para criar consenso à classe hegemônica.

As ideias, portanto, não nascem do nada, não são elucubrações mentais que são avaliadas de forma racional.

Existe todo um aparelho que elabora e as difunde, porque são úteis à manutenção do poder por parte de uma classe, por parte de um grupo social.

O que são os “aparelhos hegemônicos” do qual fala Gramsci?

O que é a *hegemonia*?

É o Estado o protagonista dessa nova organização do poder.

Gramsci se apoiando nisso em Hegel, mas indo também além de Hegel, escreve: “o Estado tem e pede o consenso, mas também ‘educa’ este consenso”.

E educa este consenso por meio do *aparelho hegemônico*, por um conjunto de instituições, que são indistintamente públicas ou privadas, escreve Gramsci (ou seja, escola,

¹⁶ A. Gramsci, *La rivoluzione contro «Il Capitale»*, in *Il Grido del Popolo*, 1º dicembre 1917, ora in Id., *Come alla volontà piace...*, cit., p. 51.

televisão. Jornais, partidos, clubes, sindicatos), aliás parecem desprovidos, enquanto na verdade pertencem ao Estado ampliado, ou Estado integral.

O poder nas nossas sociedades apoia-se tanto na força quanto no consenso, e é o Estado que requer e organiza continuamente o consenso na sociedade vigente.

Dessa forma, quando chega o dia das eleições o consenso das várias classes para a sociedade existente já é assegurado porque o tivemos introjetados: dentro de nós e dentro da nossa cabeça.

Assim se constrói e se organiza preventivamente o consenso. Toda esta ação continua do aparelho hegemônico nos faz acreditar *um outro mundo não seja possível*.

Este aparelho hegemônico (os jornais, as escolas, as televisões, os partidos, as igrejas) transmitem principalmente a ideologia dominante.

Ou seja, dito com outras palavras, para Gramsci, eles criam um “senso comum” tradicional, conservador, que constitui a melhor defesa do sistema existente.

A classe dominante tem assim uma “sua própria “estrutura ideológica”, assim diz Gramsci, ou seja, - escreve Gramsci –

A organização material pretendia manter, defender e desenvolver o "fronte" teórico ou ideológico [...] A imprensa - continua Gramsci - é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que afeta ou pode afetar a opinião pública direta ou indiretamente: bibliotecas, escolas, clubes e clubes de vários tipos, até a arquitetura, o layout das ruas e os nomes destas. (Q3, 49, 332)

Até o nome das ruas é sintomático, serve, concorre a formar um senso comum, nos faz pensar, por exemplo que um certo homem político seja importante e seja preciso levá-lo em consideração positivamente porque ele foi homenageado com um nome de uma rua.

Sem perceber isso, todos nós nos alimentamos cotidianamente com a ideologia dominante.

Mas cada grupo social tem a sua própria “concepção do mundo”, uma sua própria “ideologia”. Esta ideologia encontra um grupo ou camada social.

A palavra “ideologia” articula-se em uma “família de lemas” que é também uma família de conceitos: ideologia, filosofia, visão ou concepção do mundo, religião e fé (em sentido laico, conformismo, senso comum, folclore, linguagem).

Todos estes termos formam uma “rede conceitual” que no seu conjunto delinea a concepção gramsciana de ideologia.

Estes conceitos diferem segundo o grau de consciência e de elaboração.

A filosofia é o mais criativo. O senso comum que se expressa já na linguagem, e o folclore que se expressa nos costumes e cotidiano, ou o “conformismo”, como mais uma vez diz Gramsci, são o nível mais simples e, portanto, difundidos.

São momentos diferentes de desenvolvimento daquela “concepção de mundo”, que manifesta-se implicitamente – escreve Gramsci – [...] em todas as manifestações de vida individual e coletiva”, que atravessa todo o ser social, da linguagem à arte à cultura no sentido antropológico (“todas manifestações de vidas individuais e coletivas”, escreve Gramsci), ao sistema filosófico mais complexo, porque ele também, às vezes “implicitamente”, às vezes mais “explicitamente”, expressa uma concepção do mundo que acaba por ter peso na luta pela hegemonia, e porque nada parece permanecer fora de uma elaboração que abarca a inteira vida “individual e coletiva” (Q 11, 12, 1380)

Todos os seres humanos tem uma ideologia. A ideologia deles depende não somente, mas em grande parte, do contexto em que vivem, portanto, e principalmente pelo grupo social e classe a que pertencem.

O *aparelho hegemônico* opera incansavelmente para orientar essa ideologia, esta concepção do mundo, com a finalidade de defender a sociedade existente, os interesses preponderantes na classe no poder.

A este “complexo formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante” o que podem opor as classes subalternas, as classes que sofrem a hegemonia dominante da burguesia?

Responde Gramsci, “as classes subalternas tem que partir do “espírito de cisão” sobretudo que, por meio de “um complexo trabalho ideológico”, busca difundir consciência histórica à classe antagonista e às dos seus aliados.

Para Gramsci o *partido* é fundamental para combater a luta pela hegemonia das classes subalternas.

É muito mais importante para os subalternos do que para a burguesia.

E aqui medimos também a dificuldade nos nossos dias em aplicar algumas teses de Gramsci, porque estamos nos tempos do partido e da política.

Onde e como se combate esta ideologia dominante?

Se combate dentro do próprio *aparelho hegemônico*, dentro dos aparelhos hegemônicos do Estado integral.

Ou seja, os aparelhos hegemônicos não são- como para outro grande marxista francês Louis Althusser – capazes somente de transmitir a ideologia de quem domina o poder e o Estado.

Não, para Gramsci dentro dos aparelhos hegemônicos se pode lutar, existe a possibilidade, o espaço, para combater a luta pela hegemonia.

Porque os sujeitos verdadeiros da luta são as classes sociais e as classes sociais subalternas têm seus próprios “combatentes” nessa luta, ou seja, os intelectuais revolucionários, os intelectuais democráticos, os intelectuais progressistas, que são a expressão das classes populares (aqueles que Gramsci chama de intelectuais orgânicos) ou são *intelectuais tradicionais* que escolhem, porém, de estar do lado das classes subalternas.

Eles dentro dos aparelhos hegemônicos (a escola, a universidade, os jornais) combatem para afirmar uma outra ideologia, uma outra concepção de mundo, um outro senso comum. Diferente dos intelectuais dominantes, da burguesia.

Nós hoje, aqui, nesta universidade, neste momento, estamos demonstrando que é possível lutar por um senso comum diferente dentro do aparelho hegemônico do Estado, dentro de uma sua articulação importante como a universidade.

Os subalternos devem aos poucos construir para si, em colaboração com os intelectuais democráticos, um outro senso comum, mais elaborado, mais avançado, daquele que originariamente e quase naturalmente eles tem.

Mas estão – podemos nos perguntar – Gramsci é um idealista?

Pensa que sejam fundamentais somente as ideias para ganhar a luta sempre viva entre diferentes concepções de mundo?

Na verdade, é preciso lembrar que a sua concepção está ligada a uma visão de uma sociedade dividida em classes.

O conteúdo da hegemonia é também sempre econômico.

Cada classe tem a sua própria ideologia, a sua própria concepção do mundo, que para ter um efeito prático e lutar e oferecer à classe uma sua personalidade, uma sua dimensão subjetiva e plenamente consciente (a classe para si da qual falava Marx) tem que ser diversa e antagônica em relação à concepção de mundo da classe hegemônica – também do ponto de vista socioeconômico.

Uma visão de mundo para se afirmar de verdade na sociedade tem que oferecer respostas às necessidades econômicas daquela determinada sociedade. Das classes subalternas, mas também pelos interesses amplos da maioria da população.

A luta para a conquista da hegemonia é, portanto, algo de muito complexo.

Não é somente como às vezes se pensa, luta para uma “hegemonia cultural”, mesmo a cultura tendo um papel fundamental.

Mas a hegemonia cultural tem que ser vista em relação sólida com a hegemonia política (Gramsci fala de uma hegemonia “político-cultural”).

E também de uma hegemonia econômica com uma nova proposta de organização econômica da sociedade.

Esta luta pela hegemonia, que se combate incessantemente, consciente ou não, é o único modo hoje para lutar por um outro mundo, tentando repetir, nas condições de hoje, uma outra vez a Revolução Russa, de quebras as correntes do domínio de classe e fundar uma sociedade democrática e socialista como aquela que queria Antonio Gramsci.

Traduzido por:

Joeline Rodrigues

(Professora da Faculdade de Educação – UFC)

Yuri Brunello

(Professor de Letras Italiano – UFC).

Recebido em 13 de setembro de 2018

Aprovado em 30 de setembro de 2018

Editado em 22 de dezembro de 2018